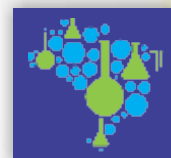


INFORMATIVO DA FRENTE PARLAMENTAR DO SETOR QUÍMICO, PETROQUÍMICO E PLÁSTICO DO BRASIL

“Não existe país forte sem Indústria Química, Petroquímica e Plástico Competitiva”

Deputado Federal Vanderlei Siraque



Informativo da Frente Parlamentar em Defesa da Competitividade da Cadeia Produtiva do Setor Químico, Petroquímico e Plástico do Brasil, Ano I, nº XXVIII

EXPORTAR PARA CRESCER

Por Roberto Giannetti *

No momento em que o Ministério da Fazenda ainda hesita em priorizar a atividade exportadora, pondo em dúvida a extensão de vigência para 2017 do mecanismo de ressarcimento tributário chamado Reintegra - que vence no final do ano e que garante à indústria exportadora um crédito tributário de 3% sobre o valor das exportações de produtos manufaturados -, coloca-se novamente em debate a falta de critério e de perseverança nas decisões de política econômica do governo federal.

O Brasil enfrenta um momento bastante adverso nas suas contas externas, com um déficit em conta corrente que vem crescendo em ritmo alucinante desde 2009 e já atinge cerca de 3,5% do PIB. A balança comercial, pela primeira vez em mais de uma década, volta a fechar no vermelho, e a balança de produtos manufaturados, que era relativamente equilibrada até 2006, vem apresentando déficit explosivo a cada ano, que já supera o valor escandaloso de US\$ 100 bilhões. Basta o mercado financeiro internacional reverter os fluxos de investimento direto estrangeiro e de financiamento externo e o Brasil estará de novo entrando em fase de risco nas suas contas externas.

Por isso fica o alerta: estas reservas cambiais tão alardeadas, de cerca de US\$ 370 bilhões, viram pó diante da magnitude dos números externos atuais de nossa economia. Na verdade, cerca de US\$ 60 bilhões já foram supostamente consumidos pelo Banco Central de forma discreta em contratos futuros de swap cambial. A mudança de ventos na economia americana, reduzindo a sua expansão monetária a partir do início de 2014, certamente causará um refluxo cambial e novo ciclo de desvalorização cambial, agravando esse quadro das contas externas. A restrição externa ao crescimento da economia brasileira poderá em breve voltar à pauta de nossa agenda macroeconômica.

Diante desse cenário nada alentador, pareceria óbvio que a promoção das exportações brasileiras, especialmente de manufaturados que agregam valor,

renda e emprego, ganhasse nesta conjuntura forte relevância e prioridade entre as políticas públicas promovidas pelo Executivo federal. Mas não é isso que se anuncia pelos bastidores do Ministério da Fazenda.

Com a justificativa da restrição fiscal das contas públicas em 2014, fala-se na não renovação do Reintegra a partir de 2014. Por outro lado, para não sair da seara do comércio exterior brasileiro, vemos a receita de impostos de importação de janeiro a outubro de 2013 crescer surpreendentes 20%, ou cerca de R\$ 6 bilhões, sobre o mesmo período de 2012. Como se pode afirmar, diante dessa receita fiscal marginal do próprio setor, que não há contrapartida fiscal para o Reintegra, que no seu limite potencial superior implicaria um custo fiscal de cerca de R\$ 3 bilhões? Se isso vier a acontecer, só haverá uma explicação, meus caros compatriotas exportadores: estaremos de fato totalmente fora das prioridades do governo federal, como infelizmente já ocorreu em outros tempos de triste memória e graves consequências, como foi por ocasião do Plano Cruzado, em 1986 (moratória da dívida externa em 1987), e do Plano Real, em 1995 (crise cambial de 1998 e 1999).

Lembro-me de que certa vez, em 1995, ao reclamar da súbita e aguda sobrevalorização do câmbio, à época em que dirigia uma indústria que exportava 100% de sua produção, um arrogante e pretensioso diretor do Banco Central do Brasil me afirmou: se você pretende que sua empresa exportadora sobreviva, recomendo-lhe que mude de ramo ou mude de país. Passados alguns anos, em 1999 eu já havia vendido por uma bagatela a tal empresa e o Brasil entrava em grave crise de dívida externa, o Banco Central liberava a flutuação do câmbio por imposição do mercado e pedia desesperado socorro financeiro ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Será que pela terceira ou quarta vez minha geração vai ter de assistir a este ignominioso filme?

***Roberto Giannetti da Fonseca é economista e empresário. Diretor Titular de Relações Internacionais e de Comércio Exterior da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo.**

Brasília/DF: Câmara dos Deputados – Anexo III – Gabinete 574 – CEP: 70160-900 / Tel (61) 3215-5574 – Fax (61) 3215-2574 Tel(11) 4427-6588 – Fax(11) 2324-0555 dep.vanderleisiraque@camara.gov.br – siraque@siraque.com.br – www.siraque.com.br frente@quimicopetroplastico.com.br - www.frentequimicopetroplastico.com.br

Alexandre Toledo Deputado PSDB/AL / Antônio Imbassahy Deputado PSDB/BA / Arnaldo Jardim Deputado PPS/SP / Arthur O. Maia Deputado PMDB/BA / Cândido Vaccarezza Deputado PT/SP / Carlos Zarattini Deputado PT/SP / Edson Santos Deputado PT/RJ / Fernando Marroni Deputado PT/RS / Francisco Chagas Deputado PT/SP / Givaldo Carimbão Deputado PSB/AL / José Otávio Germano Deputado PP/RS / Luiz Alberto Deputado PT/BA / Manuela D'Ávila Deputada PC do B/RS / Marco Maia Deputado PT/RS / Newton Lima Deputado PT/SP / (Paulão) Paulo Fernando dos Santos Deputado PT/AL / Paulo Abi-Ackel Deputado PSDB/MG / Renan Filho Deputado PMDB/AL / Renato Mooling Deputado PP/RS / Ronaldo Zulke Deputado PT/RS